

*A. S. S.*  
*Bateria*

*Os Arturos Populares*

*Damiana*  
*Recife*  
*Bateria*

*OK*

## Dançar para não dançar, a história do Brasil negro

Ao lado:  
Cenas do  
documentário  
*Os Arturos*, de Thereza  
Jessouroun: esta  
comunidade de afro-  
descendentes possui  
um extenso calendário  
de festas que  
reencenam tradições  
centenárias

Na página ao lado:  
Bateria da Estação  
Primeira de Mangueira  
no carnaval de 2003:  
iniciativas visam  
preservar a memória  
da mais importante  
festa brasileira

Tia Maria do Jongo,  
abaixo, evolui ao  
compasso da dança  
trazida de Angola para  
o Brasil no século XVII  
e que teria dado  
origem ao samba

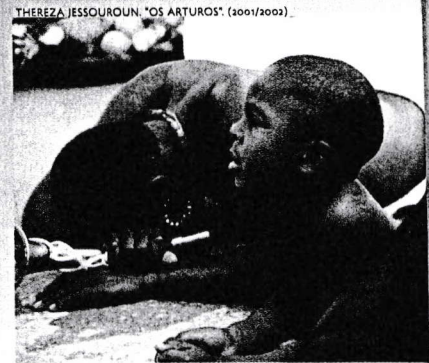
*calendário  
de festas*

Tambores bicentenários esquentam um arraial em Minas Gerais. Numa comunidade pobre do Rio, meninos tocam a grave angoma pufta – que originou a cuíca – e louvam a tradição banto. Baianos, de quatro a 80 anos, batem paus e panelas e dão nova vida ao maculelê e ao samba-de-roda nas laideiras do Pelourinho. Ao Norte, no Recife, um grupo de maracatu de 140 anos faz tremer os paralelepípedos e tira a respiração dos jovens. Dançar, bater e cantar sempre foram as mais usuais – por menos reprimidas ou mais abstratas – formas de resistência dos negros brasileiros.

É assim quando três tambores trazidos da África há cerca de 230 anos ecoam na propriedade de 122 mil metros quadrados que Artur Camilo Silvério deixou para os herdeiros, hoje na sexta geração, em Contagem (MG). A Comunidade dos Arturos, batizada com o nome do fundador, tem um extenso calendário de celebrações: em maio, a Festa da

Libertação da Escravidão leva às ruas o cortejo de “escravos” acorrentados; em outubro, é a vez da Festa de Nossa Senhora do Rosário, “a santa protetora dos homens de cor” e padroeira do “Congado”; em dezembro, os maus espíritos são expulsos da lavoura na Festa de João do Mato.

A cineasta Thereza Jessouroun, que dirigiu o documentário *Os Arturos* e, em 2001 e 2002, registrou as festas, afirma que, não fosse o Congado, a família de Artur Camilo Silvério não se teria mantido: “É um desafio crescente, diante dos apelos atuais à juventude”, diz ela. “O objetivo é preservar a tradição, mas não temos escola ou oficina, apenas a convivência”, concorda João Batista da Luz, presidente de honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem. Ele é um dos líderes da comunidade patriarcal, que atualmente se remete ao neto mais velho de Artur Camilo, Geraldo Artur Camilo, de 90 anos, o rei do Congo em Minas Gerais. João afirma que os Arturos “dançam desde a barriga da mãe” moçambique, congo, afoxé e o candombe, que ele diz



ser o pai do jongo carioca. Parentes, com certeza são.

Na Serrinha, comunidade do Rio que abriga uma das mais importantes escolas de samba do país, o Império Serrano, a tradição se renova na ONG e Centro Cultural Jongo da Serrinha. “Aqui, os mais jovens aprendem a história dos antepassados que chegaram à Serrinha e o que eles deixaram. A dança do jongo veio de Angola por volta de 1600. Com a abolição da escravatura, os jongozeiros vieram para cá, onde fundariam o Império Serrano”, resume Rodrigo Nunes, coordenador do Centro, que este mês abrirá uma filial na favela de Acari para levar o ensinamento do jongo, segundo ele, “o pai do samba”.

Rodrigo lembra que, pela tradição da dança – acompanhada por um duelo de versos que ajudou a criar o partido-alto –, somente os mais velhos podiam participar das rodas. Acreditava-se que aos perdedores dos desafios estava reservada poderosa feitiçaria. “Por ser praticado apenas



pelos mais velhos, o jongo desapareceu em outras comunidades”, conta, ao lembrar a importância do Mestre Darci do Jongo, falecido em 2002, árduo defensor da transmissão da dança aos mais novos, objetivo alcançado nos últimos anos de sua vida.

Da renovação também emergem a Orquestra Afro-Baiana do Pelourinho e o Projeto Terça Negra. O primeiro, retomado há três anos, trabalha com negros carentes dos quatro aos 80 anos de idade. Na pauta musical, cantigas de roda, maculelê, capoeira. “Todos tocam, dançam e cantam e participam de oficinas de música, teatro, expressão corporal, vestuário e fabricação de instrumentos”, detalha a diretora de Ações Culturais do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, Tânia Simões. Para ela, os instrumentos feitos de sucata mostram que no Pelourinho “as tradições estão em movimento”.

No Recife, o Pátio São Pedro, onde começam os carnavais na cidade e sob o qual se suspeita que vários escravos tenham sido enterados, recebe todas as terças-feiras, desde maio de 2002, maracatus, afoxés, cirandas e cocos praianos, que se apresentam para cerca de 4 mil pessoas. “A programação é toda voltada para a recuperação de tradições. Quando começamos, havia oito afoxés no Recife. Hoje, são 16”, diz o radialista, produtor e historiador Aldo Loreto, ligado ao Movimento Negro Unificado e responsável pelo projeto, que recebeu até o Leão Coroado, mais antigo grupo de maracatu do Recife, com mais de 140 anos de atividade. “O curioso é que as manifestações negras ocorrem justamente no local onde, no passado, as cabeças de Zumbi e Dandara ficaram expostas.” Hoje, no Pátio São Pedro, a resistência venceu.

## Memória da maior festa nacional

Esquecer um carnaval pode ter lá suas conveniências. Mas a festa profana é uma das mais célebres manifestações brasileiras e, a despeito dos feitos – e desfeitos – que não se pode contar após os quatro dias de folia, merece ter sua história registrada. Assim, surgem pelo país centros que têm como objetivo resgatar e preservar a memória do carnaval.

Iniciativa mais recente, o Centro de Memória do Carnaval da Liga das Escolas de Samba do Rio cumpre parte da missão deixada pelo Museu do Carnaval, que funcionou na Praça da Apoteose até ser fechado, em 1997. Comandado pelo diretor cultural da Liga, Hiram Araújo, o Centro abrirá as portas logo após o carnaval. “Teremos à disposição para consulta um banco de imagens com 15 mil fotos digitalizadas, além de toda a literatura relativa aos desfiles, como um banco de enredos com mais de mil letras de sambas desde 1929”, conta Hiram. Do acervo também constam os históricos de 80 escolas, também ilustrados. “Só do Salgueiro, há 1.146 fotos desde 1954”, agrega, ao lembrar que será possível, ainda, rever trechos de desfiles em um telão.

Há cerca de três anos, trabalho semelhante vem sendo desenvolvido no Centro de Estudos e Pesquisa em Cultura Popular na Casa do Carnaval, no Recife. O acervo tem publicações, iconografia, áudios e imagens de tevê e cinema. Através do Projeto Passado–Presente, Espetáculo Cotidiano, destaca a diretora do Centro, Carmem Lélis, cursos permanentes fortalecem manifestações “em declínio”. Em seguida, a investida dá origem a livros e exposições. “Um bom exemplo é o livro que lançaremos mês que vem sobre a história dos afoxés”, revela.

Salvador, que se orgulha de ter o maior carnaval do país, optou por contar a história da festança – e preservar sua memória – pela internet. Na página oficial do carnaval da cidade (<http://www.portaldocarnaval.ba.gov.br//historia.asp>), pode-se encontrar a origem da festa baiana, que ganhou as ruas em 1884; o primeiro afoxé, a Embaixada Africana, que desfilou com roupas e objetos de adorno importados da África e o surgimento dos filhos de Gandhi e do Trio Elétrico. Além dos textos, fotos históricas ilustram as passagens, que incluem os personagens mais populares da festa e um calendário que vai até 2010. Apenas pequena parte do acervo do carnaval está em base física: a Fobica – um Ford 1929 que Dodô e Osmar usaram para desfilarem tocando em 1950, dando origem ao Trio Elétrico – está guardada na Casa da Música.



ANA CAROLINA FERNANDES/FOUHA IMAGEM (01/01/2003)

## A “nova batalha dos Guararapes”

Os pernambucanos estão em pé de guerra. De um lado, os defensores de uma exuberante celebração dos 400 anos da morte de Maurício de Nassau, em 2004, com direito a festa, conferência internacional e até estátua em local nobre na cidade. Do outro lado, não menos entusiasmados, os que não abrem mão de lembrar sempre que Nassau foi um invasor e que a população da Nova Lusitânia expulsou os batavos com recursos próprios.

O historiador e professor da Universidade Federal de Pernambuco Marcus de Carvalho chama o debate de “a nova batalha dos Guararapes”, cuja primeira disputa teria ocorrido em torno do nome do Aeroporto Internacional dos Guararapes, circundado pelos morros onde os holandeses e os luso-brasileiros se enfrentaram em 1648 e 1649.

Em meio às obras de expansão da pista de pouso, uma campanha pedia que o aeroporto fosse chamado de Gilberto Freyre. “Houve veementes vozes em contrário. Inclusive, das Forças Armadas, que consideram 1648 o ber-

ço do nosso Exército”, diz o professor, numa referência ao fato de a luta contra os holandeses ter sido uma das primeiras manifestações nativistas de nossa história, pois os brasileiros guerrearam – e venceram – quase sem receber ajuda de Portugal.

Segundo ele, os que apoiavam o nome de Freyre alegavam sua inequívoca importância cultural e, contando com apoio político, ganharam. Mas não levaram.

“Salomonicamente, o aeroporto passou a chamar-se Aeroporto dos Guararapes Gilberto Freyre”, completa Carvalho.

Os defensores de Nassau entrincheiraram-se numa sociedade sem fins lucrativos com a finalidade explícita de comemorar o aniversário de sua morte. E também avançaram. O escritório comercial Brasil/Holanda tomou a dianteira na articulação de possíveis apoios a projetos. Apareceram, assim, os recursos para a restauração do magnífico *Atlas Vingboons*, que mapeia o Atlântico Sul.

Mesmo admitindo que Nassau é um personagem ímpar, que o legado dos cientistas e artistas que trouxe é incomparável, os de-



WILLEM JACOBZ DE VLAAMINGH. GRAVURA DE MAURÍCIO DE NASSAU. (1637)

fensores da comemoração da Batalha dos Guararapes não se cansam de denunciar que o declínio irreversível de Pernambuco começou com a invasão pela Companhia das Índias Ocidentais. Prometem estar a postos quando Nassau desembarcar em 2004. Do lado dos defensores de Nassau, erguem-se os argumentos quanto à importância dele para Recife: “o invasor” cuidou da assistência pública, fundando hospitais e asilos para pobres e órfãos e edificou também várias pontes sobre o rio Capibaribe e construiu os palácios do Retiro e da Boa Vista. “A batalha promete ser brutal”, brinca o professor. “Mas se dela resultarem bens restaurados, encontros e publicações, todos nós sairemos vencedores”, complementa.

Acima: gravura de Willem Delf representando Maurício de Nassau: a comemoração dos 400 anos de sua morte colocou em campos opostos pernambucanos defensores do holandês contra os que o consideram um invasor

## A (re)descoberta do mundo luso

Maior destino turístico dos portugueses que visitam o Brasil, o Ceará é alvo também do interesse dos organismos de preservação de Portugal. Empenhada em dimensionar o patrimônio histórico edificado no mundo luso, a direção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – ligada ao Ministério das Obras Públicas, Transportes e Habitação de Portugal – assinou com a Secretaria de Cultura do Ceará acordo para inventariar os corredores históricos no estado brasileiro.

Ao Ceará caberá apenas o pagamento de passagens e hospedagem dos técnicos portugueses, que, a partir do mês que vem, vão sugerir mudanças que garantam a recuperação e a homogeneidade do patrimônio. “Queremos que o projeto comece pelo município do Crato, a 600 km de Fortaleza”, diz a secretária de Cultura, Cláudia Leitão.

Os primeiros frutos desta nova parceria – a direção-geral já havia feito intervenções em Sobral – aparecerão já em novembro, quando serão finalizadas as obras de restauração da Estação Ferroviária do Crato e no Caldeirão de Santa Cruz, conhecida como a “Canudos” cearense, em função dos conflitos entre a República Velha e os seguidores do Beato Zé Lourenço. “Vamos restaurar o sítio histórico inteiro e criar um museu para contar o episódio”, adianta Cláudia.

Ainda em Portugal, a secretária fechou acordo de cooperação com a Escola de Artes e Ofícios de Batalha. Os técnicos chegam ao Brasil em abril para treinar colegas brasileiros na identificação e restauração de pedras. Acordo semelhante está sendo alinhavado junto à Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva, mas para a recuperação de trabalhos em ferro e afrescos.

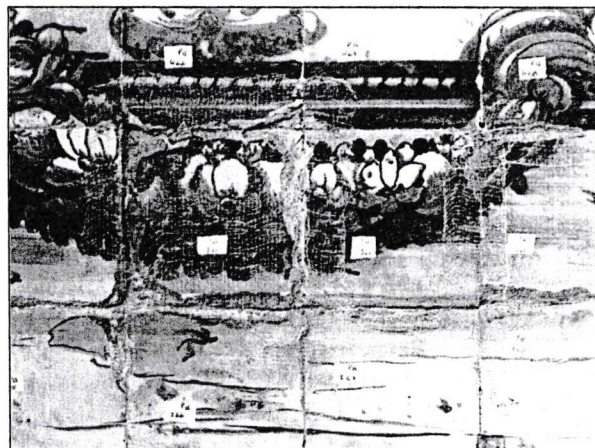
# Restauração em livro

Enquanto estuda a restauração do Museu do I Reinado, no Rio de Janeiro, a Fundação Ricardo do Espírito Santo e Silva publica a segunda edição do livro *Festa barroca a azul e branco*, no qual detalha os dois anos de trabalho na recuperação de azulejos da Ordem Terceira de São Francisco, no Pelourinho, Salvador, Bahia.

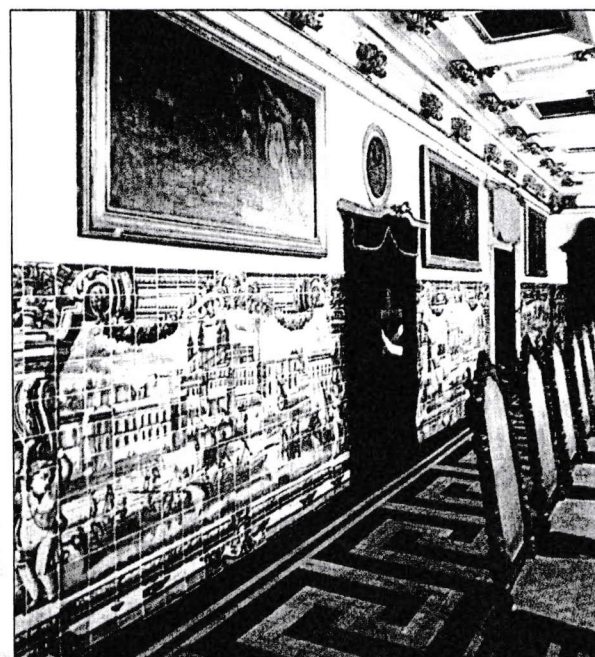
Luxuosa, a publicação exibe as técnicas de recuperação dos azulejos do claustro e do consistório da igreja. “Essa azulejaria é única no mundo luso, com cenas profanas da história de Lisboa”, detalha a historiadora Maria Eduarda Marques, consultora da Fundação, referindo-se à cena retratada nos azulejos que mostra a calorosa recepção popular ao casamento de d. José com a princesa das Astúrias, em 1729, sinal de retomada da amizade entre Portugal e Espanha.

O trabalho da fundação também beneficiou dois outros monumentos: a Igreja do Convento de Santo Antônio de Igarauá (PE), onde azulejos e madeiras estruturais foram recuperados, e os 8 mil azulejos do Outeiro da Glória, no Rio de Janeiro.

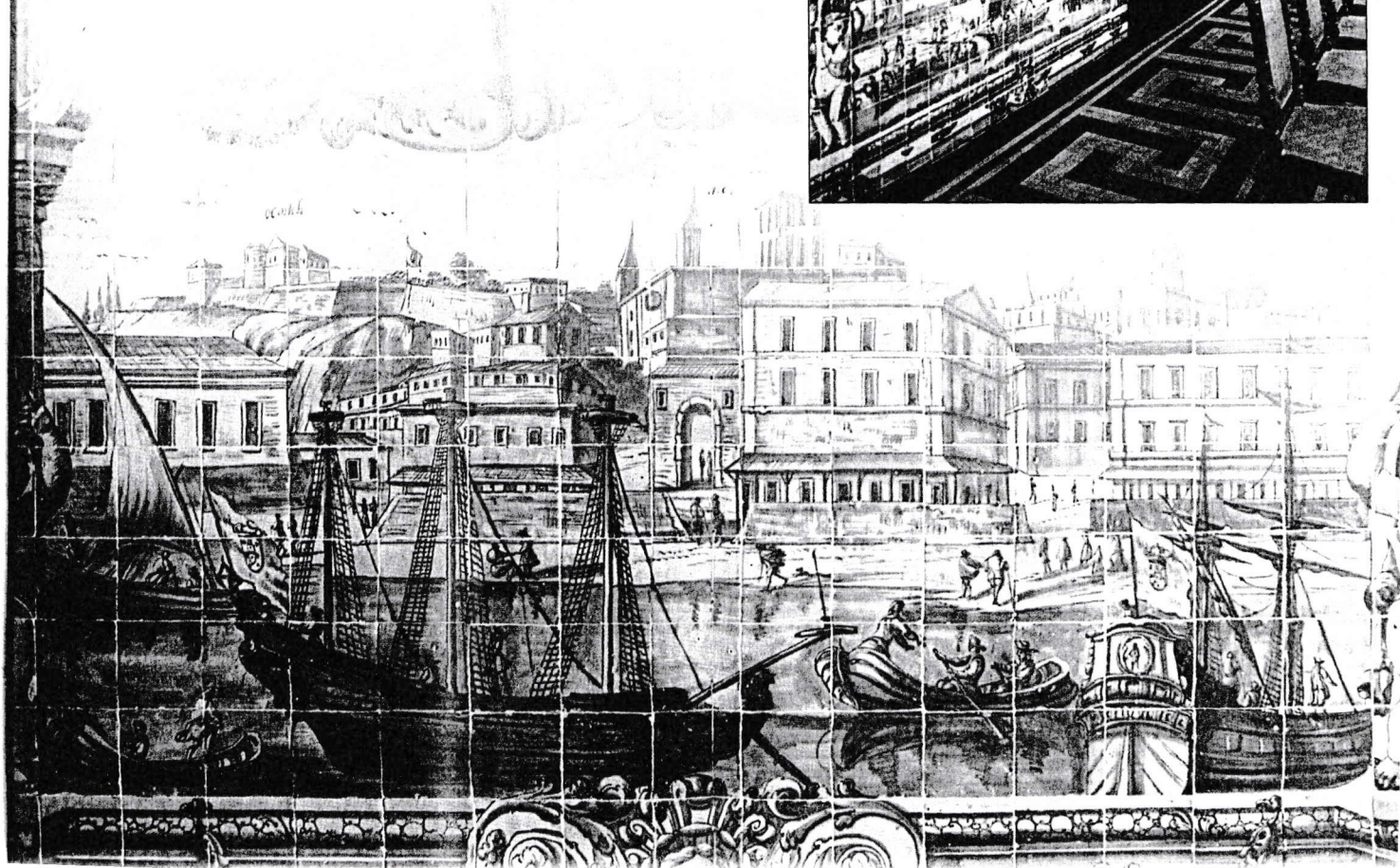
Azulejos da Ordem Terceira de São Francisco, em Salvador. Acima, imagens de azulejos em avançado processo de deterioração. Ao lado, a sala do consistório com a azulejaria única representando cenas profanas de Lisboa. Abaixo, o patrimônio após o trabalho de restauro



JOSE DE PAULA MACHADO. ACERVO FUNDAÇÃO RICARDO ESPRITO SANTO SILVA



JOSE DE PAULA MACHADO. ACERVO FUNDAÇÃO RICARDO ESPRITO SANTO SILVA



a-  
as  
o  
  
a  
l-  
r  
a.

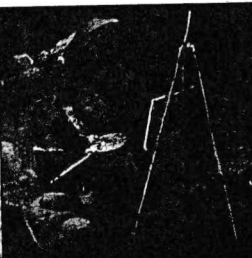
Mapas que valem ouro: navegação e espionagem no século XVI

Cronologia n.º 22

# noSSa História

Ano 1 / n.º 4 R\$ 6,80  
fevereiro 2004

UMA PUBLICAÇÃO  
EDITADA PELA  
BIBLIOTECA NACIONAL



## Ginga de malandro

*Sambistas cariocas driblaram a censura do Estado Novo*

ADALBERTO PARANHOS

*Feijoada, paixão nacional*

RODRIGO ELIAS

*Brasil, inferno dos degredados*

GERALDO PIERONI

*José Mindlin, o descobridor de livros*

ANTONIO RISÉRIO,  
MARIETA DE MORAES  
FERREIRA E  
RONALDO VAINFAS

